



IDEIAS HISTÓRICAS DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO SOBRE REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL: RESULTADOS DE ESTUDO DE CASO

ELAINE PROCHNOW PIRES*

Resumo: Este artigo busca explicar alguns resultados da dissertação realizada no Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTORIA. O trabalho buscou perceber as ideias históricas de estudantes do Ensino Médio sobre a representação das mulheres e das relações de gênero no ensino de História do Brasil. Nesse sentido, buscou-se respostas sobre a forma como os (as) estudantes se apropriam das discussões nas quais a importância das mulheres e a construção social das diferenças são debatidas. A investigação foi realizada numa turma de Ensino Médio, da Escola de Educação Básica Adolfo Böving, na cidade de Braço do Trombudo – SC, por meio de análise de conteúdos de História do Brasil selecionados em livros didáticos. A metodologia apresentada como elemento propositivo do trabalho se constituiu na análise de narrativas construídas pelos (as) estudantes, a partir de atividades propostas, no sentido de apurar sensibilidades e desenvolver olhares mais críticos no que tange ao tema estudado. A secundarização do lugar feminino nos registros históricos, em especial nos livros didáticos, sua invisibilização e a naturalização de comportamentos foram problematizadas em consequência da metodologia apresentada e aplicada no trabalho com o intuito de suprir a falta de informação e a forma como estas são abordadas. Sendo assim, o trabalho apresenta uma proposta para o ensino de História calcada na necessidade de discutir, em maior escala, a importância das mulheres na História do Brasil, ampliando o debate sobre gênero, feminismos e História das Mulheres. A partir de sequências didáticas e da proposição de construção de narrativas, pôde-se observar a limitação do material didático que subsidia o trabalho de professores e professoras na Educação Básica, bem como se percebeu as possibilidades de transformação de olhares acerca da História das Mulheres e as questões de gênero após as discussões empreendidas em sala de aula. Também, constatou-se a presença de transformações nas ideias históricas dos (as) estudantes, externalizadas nas narrativas elaboradas, compreendendo o sentido do aprendizado como instrumento fundamental para um ensino de História com significado para a vida dos (as) estudantes.

Palavras-chave: Ideias Históricas. Ensino de História. Mulheres.

Introdução

Você considera que as mulheres são profissionalmente tão capazes quanto os homens? Revolta-se quando alguém é discriminada, sofre violência ou é desqualificada por ser mulher? Acha que as mulheres, assim como os homens, têm direito ao prazer sexual? Se respondeu sim a essas questões, então você

* Mestra em Ensino de História – ProfHistória, UDESC, 2016. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História – UDESC.



se identifica com uma importante bandeira do feminismo: a igualdade de direitos para homens e mulheres. Joana Maria Pedro (2013, p. 238).

Este artigo versa sobre alguns resultados da pesquisa¹ realizada no mestrado profissional em Ensino de História – ProfHistória, polo UDESC. A investigação foi realizada numa turma de Ensino Médio, da Escola de Educação Básica Adolfo Böving, na cidade de Braço do Trombudo² – SC, por meio de análise de conteúdos de História do Brasil selecionados em livros didáticos. A pesquisa ocupou-se, inicialmente, do que se tem discutido no campo do ensino de História acerca do trabalho com narrativas, valorizando as ideias históricas de estudantes. Tratou também, da história das mulheres e as relações de gênero, verificando carência de trabalhos que coadunem essas temáticas. Assim, investigar a partir das ideias históricas de estudantes, o que estes concebem a respeito da história das mulheres, a representação dada a elas e as relações de gênero em diferentes períodos históricos, é de suma relevância aos estudos no âmbito do ensino de História.

A escola, com todas as suas limitações, ainda é espaço privilegiado na aquisição do conhecimento e na construção de saberes. É neste espaço que se reúnem sujeitos com diferentes ideias históricas, advindos de modos culturais diversos. Esse rico universo é local propício para se propor reflexões que produzam transformações de olhares. Nesse sentido, a sequência didática aplicada junto a turma de terceiro ano do Ensino Médio, e proposta nesta dissertação, levantou discussões em que a interrelação de saberes e a ampliação do conhecimento histórico se fez possível.

A partir do preceito teórico de que a ampliação da consciência histórica deve partir do princípio da educação histórica, organiza-se experiências e conhecimentos, bem como significados e orientação. Nesse sentido, acontece uma interrelação imprescindível para o aprendizado, pois assim se faz a constituição de sentido dos acontecimentos do passado. Dessa maneira, a história passa a ser compreendida pelos seres humanos inseridos no processo a partir de suas próprias experiências. Nesse prisma, a investigação empreendida no trabalho ora apresentado, se pautou em tal aporte teórico buscando, a partir das ideias históricas de jovens estudantes do Ensino Médio, a representação que possuem da história

¹ A dissertação com todos os pormenores está disponível no site do ProfHistoria e na Biblioteca Universitária da UDESC.

² O município de Braço do Trombudo tem população de 3.600 habitantes, um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,78 (sendo a média catarinense: 0,774 e a brasileira: 0,755) e fica a 204 km da capital do Estado (Florianópolis). Também foi contemplada na premiação *Melhores Cidades do Brasil 2015* da Revista IstoÉ, recebendo ainda dois prêmios: na categoria melhor Atendimento ao Jovem no ranking nacional por indicador, que reúne todos os portes de cidades; e melhor Atendimento ao Jovem entre os municípios de pequeno porte (dados do IBGE).

das mulheres, o papel atribuído a elas e as relações de gênero em diferentes momentos da História do Brasil. Ao longo do trabalho observou-se a ampliação da educação histórica, pois os (as) estudantes apresentaram, a partir de seus textos, qualificação mental do pensamento histórico, organizando o conhecimento.

A consciência histórica não é idêntica à lembrança. Só se pode falar de consciência histórica quando, para interpretar experiências atuais do tempo, é necessário mobilizar a lembrança de determinada maneira: ela é transportada para o processo de tornar presente o passado mediante o movimento da narrativa. (RÜSEN, 2001: 63).

Jörn Rüsen (2001) compreende a aprendizagem histórica como uma busca no passado, norteada pela experiência do presente e pela expectativa do futuro. O desenvolvimento dessa aprendizagem é marcada pela interpretação histórica, ou seja, quanto mais eficiente for à capacidade de encontrar significados entre a tensão temporal do passado, presente e futuro, mais a absorção do conhecimento histórico é efetuada.

O objetivo central do trabalho foi investigar as ideias históricas dos (as) estudantes sobre a atuação das mulheres no passado e no presente e como isso é sub-representado nos livros didáticos de História. Para tanto, observou-se que o trabalho docente, no ensino de História, pode colher bons frutos em suas proposições metodológicas, quando estas primam pela valorização dos saberes dos (as) estudantes. Foi possível compreender a visão que os (as) estudantes possuem da importância das mulheres na História do Brasil, por meio das narrativas e discussões em sala de aula. As análises dos conteúdos dos livros didáticos ampliaram o olhar para os registros históricos a partir do prisma da história das mulheres, possibilitando reflexão sobre o processo de emancipação feminina. Instigou-se, assim, formas de pensar que podem gerar capacidade de relacionar contextos e perceber mudanças na maneira de compreender a importância das mulheres na História.

Esses resultados foram obtidos a partir do método de sequências didáticas, que priorizaram a história do Brasil em quatro momentos. Assim, o trabalho desenvolvido teve por característica propositiva a elaboração e aplicação dessas sequências didáticas que abordaram a História do Brasil desde a Era Vargas (1930 a 1945) até a Redemocratização, após o período da ditadura militar (1964 a 1985). Abordou-se aspectos do governo Dilma Rousseff em concomitância com questões da sociedade contemporânea. As sequências didáticas tiveram por finalidade promover um ensino de História capaz de contribuir para a desnaturalização de determinados papéis de gênero e especialmente dar ferramentas para que docentes e estudantes possam fazer leitura crítica

dos textos didáticos disponíveis. Na sessão seguinte deste texto será apresentada uma das sequências didáticas para exemplificar o trabalho desenvolvido.

A apropriação do saber a partir de sequência didática

Ao pensar partindo do entendimento de que o livro didático deve ser utilizado como ferramenta, elucidando conteúdos de acordo com as necessidades dos(as) estudantes, observa-se que a proposição das sequências didáticas apresentadas garantem discussões em que a formação identitária e a ampliação da consciência histórica permeiam os objetivos no ensino de História.

Para além disso, as sequências didáticas realizadas com os (as) estudantes intencionaram a indicação de algumas ferramentas de leitura e análise crítica de textos, em especial nos manuais didáticos, por meio das quais se pode identificar a representação das mulheres na construção histórica da sociedade a qual pertencem. Os temas dessas sequências didáticas foram elaborados a partir de perguntas produzidas pela professora na perspectiva de iniciar problematizando o conteúdo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PERÍODO DEMOCRÁTICO

Esta sequência didática ocupou-se do conteúdo que aborda o chamado “Período Democrático” no Brasil, compreendendo de 1945 a 1964. Nesse sentido, a indagação que motivou as ações, foi: Onde estavam as mulheres na História do Brasil no Período Democrático de 1945 a 1964? Para dar conta de respondê-la precisou-se identificar a democracia pregada nesse período histórico, observando a partir das relações de gênero pesquisadas.

O desenvolvimento desta parte da atividade pedagógica exigiu contextualizar a crise do Estado Novo; compreender o sentido de democracia, a partir das análises do chamado Período Democrático de 1945 a 1964; entender o momento político do Brasil no Golpe de 1964 e os reflexos desse fato para os momentos seguintes da história do país e identificar a presença e a importância das mulheres nos três momentos específicos estudados na sequência didática.

Esta sequência didática foi dividida em quatro momentos de duas aulas cada. Em cada momento foi abordado um tema:

- a) A crise do Estado Novo;
- b) Período Democrático;

- c) O golpe de 1964;
- d) A importância das mulheres nesse período histórico.

Após explanação do conteúdo pela professora, a turma foi dividida em equipes. Nos três primeiros momentos, foi abordado o conteúdo em específico, cada equipe teve a tarefa de pesquisar um momento cronologicamente estabelecido, da seguinte maneira:

- 1°. Fundação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro (1940);
- 2°. Fundação da Companhia Atlântida cinematográfica (1941);
- 3°. Deposição de Getúlio Vargas (1945);
- 4°. Promulgação da Constituição (1946);
- 5°. Cassação do Registro do Partido Comunista do Brasil (1947);
- 6°. Eleição de Getúlio Vargas para a Presidência da República e divulgação do “Manifesto de Agosto” pelo PCB (1950);
- 7°. Greve dos 300 mil em São Paulo e fundação da Petrobrás (1953);
- 8°. Suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto (1954);
- 9°. Eleição de Juscelino Kubitschek para a Presidência da República e Tentativa de golpe militar (1955);
- 10°. Inauguração de Brasília e eleição de Jânio Quadros para a Presidência da República (1960);
- 11°. Renúncia de Jânio e implantação do regime parlamentarista, seguida da posse de João Goulart na Presidência da República 1961;
- 12°. Plebiscito aprova o retorno ao regime presidencialista 1963;
- 13°. Golpe derruba Jango da Presidência da República 1964.

No primeiro momento, a discussão foi em torno da crise do Estado Novo. As equipes encarregadas dos três primeiros acontecimentos da linha do tempo explanaram para o restante da turma o que encontraram sobre o tema. Em seguida, todos produziram um texto, pensado a partir do enunciado: Após explanação do grupo sobre a Crise do Estado Novo, disserte sobre o que você compreendeu desse período histórico do nosso país.

Para o segundo momento ficou a tarefa de explicar a pesquisa para as equipes encarregadas do quarto ao décimo segundo acontecimento elencados anteriormente. Tendo em vista a amplitude dos temas, os (as) estudantes fizeram suas anotações em sala de aula, no entanto, produziram o texto individual como tarefa de casa, a partir do seguinte comando: Após explanação do grupo sobre o Período Democrático (1945-1964), disserte sobre o que você compreendeu desse período histórico do nosso país.

No terceiro momento, a equipe encarregada pelo décimo terceiro acontecimento fez suas considerações sobre o tema. Da mesma forma, a turma produziu o texto sobre o que aprendeu quanto ao Golpe de 1964, considerando o enunciado: Após explanação do grupo sobre o Golpe de 1964, disserte sobre o que você compreendeu desse período histórico do nosso país. Em função do tempo disponível, a proposta, ainda neste terceiro momento, foi voltar ao laboratório de informática e cada dupla, a partir do que pesquisou no primeiro momento, buscar informações sobre as mulheres desse período histórico.

No quarto e último momento desta sequência didática, os (as) estudantes socializaram suas pesquisas sobre as mulheres na crise do Estado Novo, no Período Democrático e no Golpe de 1964. Em seguida foram expostas, na sala, imagens de propagandas dos anos de 1950, contendo mulheres com produtos domésticos, para servir de subsídio juntamente com as pesquisas, para a reelaboração dos textos sobre o importância das mulheres no período estudado.

Esse texto foi elaborado a partir do seguinte enunciado: Com base nas pesquisas dos períodos estudados e referente a importância das mulheres nesses mesmos períodos, elabore uma reflexão, observando o painel de imagens exposto na sala de aula, contendo mulheres em comerciais dos anos de 1950. Utilizem todas as informações discutidas no decorrer do capítulo estudado e elaborem uma narrativa, expressando suas ideias históricas a respeito de sua representação sobre a importância das mulheres no período democrático de 1945 a 1964 da história brasileira.

A sequência das imagens expostas no mural talvez venha “indicar alguma alteração na maneira como práticas e representações de gênero são reproduzidas na sociedade e no cotidiano escolar” (LOHN, 2004, p. 120). O autor nos incita à reflexão da importância do uso problematizado de imagens em sala de aula, fazendo com que os (as) estudantes analisem o conteúdo estudado e discutam as representações que tais imagens podem causar em uma dada sociedade.

Ao pensar o uso de imagens como recurso didático em sala de aula, deve-se atentar para a reflexão necessária, pois é sabido que a imagem é priorizada em detrimento do texto, especialmente por crianças e adolescentes. Importante observar suas legendas, bem como a mensagem que a linguagem imagética quer transmitir. Esse instrumento didático é de suma importância para que se possa refletir acerca de diversos temas em sala de aula. Nesse sentido, concorda-se com a afirmação de Circe Bittencourt, quando esta adverte:

Fazer os alunos refletirem sobre as imagens que lhe são postas diante dos olhos é uma das tarefas urgentes da escola e cabe ao professor criar as

oportunidades, em todas as circunstâncias, sem esperar a socialização de suportes tecnológicos mais sofisticados para as diferentes escolas e condições de trabalho, considerando a manutenção das enormes diferenças sociais, culturais e econômicas pela política vigente. (BITTENCOURT, 2002, p. 89).

A escola atual possui responsabilidades que vão além de suas expectativas iniciais. Ensinar a ler o mundo e as imagens que nos rodeiam pode dizer até mais que palavras. As imagens são utilizadas no ensino de História, tanto no livro didático quanto a partir de escolhas do (a) próprio professor (a), elas ilustram e ajudam a compreender o conteúdo. Além disso, muitas vezes, também, induzem entendimentos que precisam ser discutidos em sala de aula. As figuras escolhidas para as sequências didáticas propostas neste trabalho visaram essa reflexão, suscitando entendimento político acerca do importância das mulheres, especialmente na década de 1950

Figura 1 – As mulheres eram educadas para serem boas esposas



Fonte: Estudo e Discussões 2015³.

A figura 1 incita uma reflexão sobre a representação das mulheres da década de 1950. A figura revela, no primeiro plano, a boa esposa e dona de casa com uma cozinha impecável e uma sobremesa, aparentemente, deliciosa sobre a mesa, deixando clara a função que deveria ser exercida por aquelas mulheres nesse período histórico. A discussão fomentada foi em torno das mulheres fora da mídia, buscando compreender se era essa a mulher padrão dos anos 50. Bem como, compreender a maneira como era julgada a mulher que trabalhava fora de casa, talvez como aquela que envergonha o marido. Contudo, é preciso deixar claro que se fala aqui de uma mulher branca, de classe média/alta, tendo em vista que as mulheres pobres e/ou negras, em sua maioria, precisavam trabalhar por sua condição financeira precária.

³ As referências completas de todas as figuras estão no final do texto.

Figura 2 – Ser mãe, esposa e dona de casa era visto como natural para as mulheres nos anos de 1950



Fonte: Almanaque Urupes, 2015.

A figura 2, também, revela o estereótipo da boa esposa e dona de casa. A reflexão da desnaturalização desse estigma foi a pauta do debate em torno desta figura. Segundo Carla Bassanezi (2013, p. 486), em sua discussão sobre os estereótipos das mulheres dos anos de 1950, “a boa esposa é o segredo imutável da felicidade conjugal, da harmonia do lar, da estabilidade do casamento [...], da paz na família [...] e da ordem social com suas hierarquias estabelecidas”. Quanto aos maridos, bastava que tivessem condições financeiras para sustentar a família, em detrimento a isso, suas esposas deveriam fazer de tudo para mantê-los satisfeitos em todas as esferas do casamento.

A ideia, a partir dessa figura, foi fazer com que os (as) estudantes pensassem a sociedade dos anos de 1950 identificando rupturas e/ou permanências nos comportamentos machistas da sociedade. Importante, também, compreender que as imagens expostas pertencem a um estereótipo de mulher, em um período no qual existia “uma imprensa exclusivamente feminina pronta a ensinar o que fica bem e o que não é socialmente aceito” (BASSANEZI, 2013, p. 481).

Figura 3 - Facilitadores domésticos



Fonte: Propagandas Históricas, 2014.

A figura de número 3 é de uma propaganda de eletrodomésticos veiculada nos anos de 1950, indicando que a vida das mulheres seria facilitada pela inserção desses produtos em suas casas. Isso porque o trabalho doméstico era tido como função feminina, uma mulher decente e uma boa esposa deveriam ter dedicação exclusiva ao lar (BASSANEZI, 2013), pois o mundo político, social, econômico seriam incumbência masculina, no sentido de que estes universos necessitam de força física, robustez e outras qualidades, ditas dos homens. Questiona-se, para além da mensagem que a figura representa, os próprios registros que, em raras situações, abordam os papéis desempenhados por mulheres em momentos importantes da história. Já que, ocasiões de destaque histórico eram, quase sempre, ilustradas com a figura masculina, com porte imponente, transformando-o em imagem protagonista de eventos históricos.

O desenvolvimento capitalista proporcionou o estabelecimento de uma classe média na qual as mulheres podiam comprar eletrodomésticos cada vez mais sofisticados, embelezar suas casas com cortinas, tapetes e almofadas e, além disso, contratar empregadas domésticas para poderem desfrutar do cargo emblemático de rainha do lar. Por outro lado, às mulheres pobres não era conferido o mesmo direito nem o mesmo título, pois “muitas moças que não podiam deixar de se esfalfar na roça, no emprego doméstico ou na fábrica, sonhavam com o dia em que trabalhariam apenas para o marido e os filhos ou empregariam outras mulheres para ajudá-las com o serviço da casa” (BASSANEZI, 2013, p. 495). A emancipação para as mulheres do segundo grupo

significava a saída do trabalho para a entrada em um casamento no qual o sustento familiar fosse mantido pelo marido.

Tomando as imagens como plano de fundo, a discussão gira em torno de três vertentes: a primeira é a exclusividade feminina nos afazeres domésticos; a segunda é a questão econômica: quem poderia adquirir esses aparelhos? E a terceira, uma discussão sobre como as ideias feministas agiam na cabeça das mulheres pobres e suas dificuldades do cotidiano. De que forma elas refletiam sua condição de mulher, trabalhadora, mas pobre?

A figura 4 mostra outra propaganda dos anos de 1950, agora com um produto de higiene pessoal. A chamada deixa claro que as mulheres devem usar esse tipo de produto para ficarem mais belas e parecidas com estrelas de cinema para seus maridos. Importante salientar as exigências ambíguas para homens e mulheres no que diz respeito à beleza: a elas, a suavidade, a graciosidade; já para eles, a robustez, a força; deixando claro a distinção de funções para ambos na sociedade. (OLIVEIRA, 2005)

Como se percebe o apelo da mídia se dava em torno da necessidade do embelezamento feminino. Nesse sentido, todo corpo feminino deveria demonstrar o encanto, a suavidade e a graça, tidos como partes fundamentais e naturais do universo feminino (OLIVEIRA, 2005). A discussão nessa figura foi em torno dessa função atribuída às mulheres nos anos de 1950 na publicidade e o apelo da mídia. Importante salientar a importância de se ensinar os (as) estudantes a detectar as possíveis manipulações presentes em apelos midiáticos dessa forma para que possam compreender as estratégias de dominação, convencendo a opinião popular.

Figura 4 - A importância da mulher na publicidade dos anos de 1950



Fonte: Blogspot, 2015.

Figura 5 - Parece que nos anos 50, os argumentos machistas eram mais toleráveis...



Fonte: Propagandas Históricas, 2014.

Na figura 5, a propaganda é de gravatas, mas se vê uma mulher aos pés da cama, servindo seu suposto marido. A discussão dessa figura se deu em torno do machismo escancarado e aparentemente aceito com mais tranquilidade nesse período. O título da figura: Parece que nos anos 50, os argumentos machistas eram mais toleráveis..., foi discutido após a análise dos (as) estudantes a partir do que significa aceitar comportamentos preconceituosos. Esclarece-se que em momento algum se fez menção de comodismo em relação às situações de desconforto às mulheres, pelo contrário, é sabido que estas sempre ofereceram resistência, lutando para conquistar seus espaços.

As demais sequências didáticas seguiram esses moldes, sempre culminando em duas narrativas textuais, identificando mudanças e permanências nas ideias históricas dos(as) estudantes.

Considerações finais

Portanto, a apropriação das discussões, no qual a atuação das mulheres e a construção social das diferenças são debatidas, causou incômodos necessários para que houvesse mudança na maneira de pensar os registros históricos e compreender a história das mulheres no contexto brasileiro. Observou-se que tal metodologia foi capaz de impactar a visão dos (as) estudantes quando estes reelaboraram suas narrativas, expondo a ampliação das ideias históricas. Por outro lado, reconhece-se que existem outras tantas

maneiras, talvez até mais exitosas, de provocar novo olhar e ampliar os horizontes do conhecimento. O desejo é de que esta proposta funcione como mola propulsora para muitos professores e professoras, incitando-os (as) a trabalhar com narrativas dos estudantes, valorizando suas ideias históricas, bem como tematizando a história de maneira a dar visibilidade a todos os grupos humanos.

Pôde-se, ainda, observar a partir das atividades propostas e realizadas com a turma, o interesse pela descoberta. Os (as) estudantes, tanto nas primeiras narrativas escritas, quanto em suas intervenções orais em sala de aula, se mostraram, por vezes, surpresos com informações a respeito das mulheres. Estas se encontravam em luta por seus direitos, nos vários períodos estudados, porém esta condição de resistência não consta de forma clara nos manuais didáticos.

Os (as) jovens se percebem agentes desse processo de secundarização da importância das mulheres na sociedade, quando relatam a maneira como as mulheres são rotuladas, inclusive em suas famílias. A mãe, na maioria das vezes é a culpada pelo uniforme sujo, o atraso foi devido à ausência do pai em casa, quando o carro não funcionou. Estes, dentre tantos outros exemplos, ilustram de maneira evidente a divisão de papéis sociais entre homens e mulheres. Causam incômodos quando percebidos a partir de um olhar mais apurado e livre do enraizamento cultural do preconceito e das naturalizações que estão em combate nesse trabalho.

Da mesma forma, o sistema escolar continua fazendo uma série de distinções sob novas roupagens, ou seja, a escola continua marcando diferenças, hoje de forma mais discreta que no passado, no entanto, ainda escolarizam-se e distinguem-se corpos e mentes. Portanto, se faz necessário que o ensino, tanto de História quanto de outras disciplinas, mobilize metodologias de trabalho que venham a combater práticas naturalizadas no espaço escolar. Acredita-se, que uma das tarefas mais urgentes consiste em desconfiar do que é tomado como naturalmente dado. Essa observação remete, exatamente, aos anseios do trabalho desenvolvimento no chão da escola e que possibilitou a elaboração desta dissertação. Pois, se buscou uma transformação que venha tornar o trabalho docente mais exitoso e o sistema escolar mais justo e igualitário no que tange as questões humanas.

Não existe uma fórmula mágica para o combate das mais diversas formas de preconceito na sociedade, mas o trabalho com as ideias históricas dos (as) estudantes do Ensino Médio sobre a história das mulheres e as relações de gênero pôde perceber a transformação de olhares almejada, como resultado prático de uma intervenção didática.

Os (as) estudantes indicaram, em suas narrativas, a necessidade de um trabalho incentivador e motivador de mudanças nas práticas metodológicas enraizadas nos currículos.

Observou-se, portanto, que é possível trabalhar relações de gênero e a história das mulheres, bem como a representação delas em narrativas de estudantes. A sala de aula é espaço de produção de saberes e os estudantes, quando provocados a trazer à tona suas ideias históricas e refletir sobre elas, são capazes de aplicar no cotidiano o conhecimento produzido no universo escolar. Nesse sentido, se percebe a importância do (a) docente pesquisador (a), que atua como incentivador dessa produção de saberes e da aproximação acadêmica com o chão da escola.

Parte-se da premissa de que o conhecimento não é uma via de mão única, na qual os saberes acumulados ao longo do tempo são, simplesmente, transmitidos do (a) professor(a) para o (a) estudante (a), que de forma submissa deve absorver e memorizar. Ao pretender-se modificar a condição hegemônica do pensamento machista, que atribui às mulheres papéis secundários na sociedade, deve-se ter claro que tal condição está ancorada em um modelo de educação não contestatória, ou seja, que meramente reproduz para o futuro as condições existentes na sociedade atual (FREIRE, 1989).

Uma ação educativa que tenha clareza do seu papel histórico e compromisso com a construção de uma sociedade embasada em princípios igualitários não pode eximir-se de intervir nos valores atuais. Tal intervenção é constituída a partir de práticas pedagógicas que valorizam a reflexão sobre as injustiças sociais, com destaque para as lutas contra a desigualdade de gênero que proporcionaram visualizar as ideias históricas dos (as) estudantes, bem como a transformação de olhares em relação ao aprendizado.

Portanto, importa saber o que o aprendizado adquirido ensina para o presente, bem como para o futuro dos (as) estudantes. Se questionados, suas respostas podem, muitas vezes, surpreender. Além disso, também, podem indicar o que ensinar, como ensinar, como o (a) estudante apreende e interpreta as diversas narrativas históricas (FERNANDES, 2004). Esse instrumento metodológico se transforma em poderosa arma para professoras e professores que anseiam por uma educação libertadora, exitosa e de pleno sentido aos (as) estudantes.

A pesquisa culminou com a produção de narrativas que comunicaram o pensamento histórico dos jovens estudantes envolvidos com a pesquisa. Foi possível perceber a transformação de olhares que as atividades propostas e as discussões geradas produziram. A partir de tal constatação, afirma-se que o trabalho contribuiu com a

ampliação bibliográfica de assuntos de gênero no ensino de História, bem como para a diminuição da lacuna observada inicialmente, instigando outros (as) pesquisadores (as) e professores (as) a desenvolver investigações sobre a história das mulheres e as relações de gênero no ensino de História.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. **Educação Histórica**: uma nova área de investigação. Revista da Faculdade de Letras. HISTÓRIA Porto, III Série, vol. 2, 2001, pp. 013-021

_____. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter) identidades. **Hist. R.**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 37-51, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/viewFile/21683/12756>>. Acesso em: 20 out. 2015.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FERNANDES, Lindamir Zeglin. **A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica**: da aula sequência didática à unidade temática investigativa. 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/158-4.pdf>> Acesso em 23 fev. 2015.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (orgs.). Apresentação. In: **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp vii – xxv.

FERREIRA, Ângela Ribeiro; CERRI, Luis Fernando. **História das mulheres no ensino de História do Brasil**: uma análise das abordagens do livro didático. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LOHN, Reinaldo Lindolfo; MACHADO, Vanderlei. Gênero e Imagem: Relações de gênero através de imagens dos livros didáticos de História. **Revista gênero**. Niterói, v. 4, n. 2, 2004. p. 119-134. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/249/169>> Acesso em 20 out. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p 77-98, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>>. Acesso em 22 set. 2015.

PIRES, Elaine Prochnow; SILVA, Cristiani Bereta da. Formação histórica e relações de gênero: como jovens significam a história de mulheres em suas narrativas? Um estudo de caso. **Labrys, estudos feministas**, jan. / jun., 2015. Disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys27/sumarios/sumariogeral.htm>>. Acesso em: 22 set. 2015.

PIRES, Elaine Prochnow. **Ideias históricas de jovens do ensino médio sobre representação das mulheres no ensino de História do Brasil**: estudo de caso. 191 fl Dissertação (Mestrado em Ensino de História). ProfHistoria. Florianópolis: UDESC, 2016.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. In:_____. **Tempo e Narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. V.1. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010, p.93-155.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da História**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da UnB, 2001.

_____. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **Revista: História da historiografia**. Número 02, mar 2009. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>>. Acesso em: 22 set. 2015.

_____. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p. 93-108.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Almanaque urupes. Disponível em: <<http://www.almanaqueurupes.com.br/portal/conselhos-da-vovo/conselho-do-dia-16-de-julho/>> Acesso em: 04 set. 2015.

Blogspot. Disponível em: <<http://h2oinfo.blogspot.com.br/>> Acesso em: 4 set. 2015.

Estudos e discussões. Disponível em: <<http://estudosediscussoes.com.br/natureza-e-sociedade/a-mulher-dos-anos-1950/>> Acesso em: 04 set. 2015.

Propagandas históricas. Disponível em: <<http://www.propagandashistoricas.com.br/2014/01/dez-propagandas-historicas-machistas.html>> Acesso em: 04 set. 2015